

A crise prossegue, dizem os empresários

por José Casado
de São Paulo

Os empresários, de forma geral, estão cautelosos: trabalham com uma projeção de inflação mínima de 120% para este ano e demonstram grande relutância na admissão de pessoal, mesmo nos limites normais da rotatividade de empregados. "A crise continua firme", diz Firmino Rocha de Freitas, que hoje inicia um novo mandato no comando da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee): "No caso do nosso setor, as empresas sequer estão cobrindo as vagas abertas pela rotatividade normal, por isso é que, desde janeiro, o nível de emprego cai continuamente" (-4,1% no primeiro bimestre, em comparação com igual período do ano passado).

Horácio Cherkassky, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, observa que o declínio das ven-

das internas "é persistente", mas que o aumento das exportações — estimuladas pela recente desvalorização do cruzeiro — poderá induzir, nos próximos dois meses, os consumidores à formação de estoques. "Ninguém está trabalhando com estoques na área do comércio e, em consequência, as indústrias estão somando estoques elevados com capacidade ociosa crescente", comenta.

Freitas e Cherkassky não consideram viável a mudança de rota na política econômica na forma proposta pelos ex-ministros Mário Simonsen e Octavio Bulhões. "É impossível fazer isso, embora seja correto tecnicamente, porque dá margem a convulsões sociais", diz Freitas. "Acho que o empresário suporta uma inflação alta como a que está aí, mas não quer, de nenhuma forma, ver comprometido o projeto democrático do País", complementa Cherkassky.